

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Linha férrea do Vale do Ave

E' opinião unanime dos tecnicos especializados que a linha férrea do Vale do Ave é a de mais facil e economica construção de todas as linhas projectadas no Minho. Isto representa já um elemento a seu favor, digno de atenção, visto que o dispêndio a fazer com uma via férrea é um ponto importantissimo com que tem de entrar-se em linha de conta.

O Vale do Ave, na parte a que nos vimos referindo, constitui o maior centro industrial do País e pode considerar-se a melhor zona agricola do Minho, e deve certamente tornar-se uma segura e garantida fonte de receita para a linha ferrea que o atravessar.

Partindo de Caniços e seguindo a direcção que deve tomar esta linha, pode dizer-se que existe uma cadeia ininterrupta de fabricas, entre as quais ha mais de quarenta importantissimas. E' o colosso industrial de Riba de Ave, é o grande centro fabril do Pevidem, são as numerosas fabricas de Ronfe, Campelos, Brito, etc., onde trabalham milhares de operarios e se consomem grandes energias motoras.

São pequenas industrias manuais, que ás centenas se encontram desde Caniços á Povoia de Lanhoso, que no seu conjunto revelam uma grande actividade e tem uma apreciavel produção de tecidos, cutelarias, calçado e moagem. São numerosissimos os estabelecimentos comerciais. Merece especial menção a estancia termal das Taipas, com uma apreciavel colonia balnear que ali vem curar-se, repousar, passar dias em agradável vilegiatura.

Por todo o trajecto é encantador apreciar a fertilidade do solo, que prodigamente paga em cereais e vinho e em gado ao seu mourejador quotidiano, o qual deles faz uma larga exportação.

E', em suma, uma região onde a actividade humana se revela em todos os ramos e com inexecedível intensidade, tornando-a a mais rica de Portugal.

E se isto assim é lutando eles com dificuldades de toda a ordem para o seu trafico, facil se torna deduzir que amanhã, bem servida de comunicações, a sua riqueza tornar-se-ha muito maior.

(Continua).

Batalha de S. Mamede

Informações à Imprensa

(Da Comissão de Propaganda)

Na sexta-feira, 11 do corrente, reuniram na Associação Artística Vimaranesa a Comissão Central do 8.º Centenário da Batalha de S. Mamede, e outras entidades afim de apreciarem os trabalhos da mesma Comissão. Presidiu o sr. Reitor do Liceu de Martins Sarmiento secretariado pelos snrs. A. L. de Carvalho e Eugénio Vaz Vieira, sendo aprovados esses trabalhos e nomeada uma Comissão Executiva

que ficou composta dos snrs. Reitor do Liceu, Representante do Comando Militar, José Luís de Pina, A. L. de Carvalho, Eugénio Vaz Vieira e António Vieira de Andrade.

A Junta Geral do Distrito recebeu, em sua sessão do dia 10, os membros da Comissão Central snrs. A. L. de Carvalho e Eugénio Vaz Vieira, e resolveu por proposta do Vogal da Comissão Administrativa da mesma Junta, sr. Dr. António de Jesus Gonçalves, inscrever a importancia de 750\$00 (ou seja 50 % da verba orçamentada para festas) na subscrição do 8.º Centenário da Batalha de S. Mamede. Os mesmos snrs. estiveram

Diz-se...

...Que o famoso escriba que nos "Ecos de Guimarães," bota epistolas e louvaminhos em correspondencia das Taipas, vai publicar em grosso volume as grandes obras e os inegualaveis beneficios prestados a esta povoação pelo seu querido e nunca assaz esquecido patrão.

*

...Que a Senhora D. Economia sente imenso por todos os motivos e ainda mais um, o não ter podido atender o pedido dos snrs. industriaes de padaria, mas... tem o fraco de gostar do pãozinho frêscio ás segundas-feiras.

A defesa de S. Ex.ª

O Ex.º Sr. Dr. João Rocha dos Santos, publica um grande artigo em os "Ecos de Guimarães," no qual procura alijar de si a responsabilidade do desfalque do celeiro municipal, no tempo da sua presidencia.

Não nos sobra presentemente o espaço para apreciar a sua defesa, mas fá-lo-hemos na primeira oportunidade.

Não queremos porem deixar de dizer-lhe que não é correcto insultar os outros para nos defendermos e de lhe perguntar se tambem era para atenuar o déficit, a farinha que atribuíriam mandou apreender ao Sr. Bernardino Jordão.

Excursão de estudo

Os alunos da Escola Industrial e Comercial de Braga, realizam uma excursão de estudo a esta cidade, no próximo dia 3 de Junho, devendo visitar a Câmara Municipal, Sociedade M. Sarmiento, Escola Industrial, Monumentos Nacionais e a encantadora estancia da Penha. Sejam benvindos.

tambem nesse dia conferenciando com o Ex.º Governador Civil do Distrito. S. Ex.ª que se encontra desde segunda-feira em Lisboa, acompanhará o representante da Comissão Executiva, sr. A. L. de Carvalho, que hoje parte para a Capital, nas "demarches," junto de varias entidades officiais, perante as quais advogará e secundará os pedidos que a Comissão Executiva vai apresentar.

Guimarães, 16 de Maio de 1928.

Casas Económicas

O nosso correligionário sr. Abel Cardozo, director da Escola de "Francisco de Holanda," enviou à Câmara, no passado dia 18 do corrente, um officio concebido nos seguintes termos:

Guimarães, 18 de Maio de 1928.

Ao Ex.º Sr. Presidente e dig.ºs Membros da C. A. da Câmara Municipal de Guimarães.

Tendo conhecimento, por um semanário local, de que V. Ex.ª resolveram em sessão adquirir um terreno nas trazeiras do Hospital da Misericórdia para a construção das Casas Económicas, relevem-me V. Ex.ª que, na minha qualidade de professor, e na de municipal, aqui apresento, em todo o respeito, o mais veemente e formal protesto contra tal resolução.

Sentindo que o meu gesto não possa demover V. Ex.ª, levando-os a reconsiderar, resta-me todavia a consolação de não ter deixado passar em julgado, embora com um protesto sem valor, uma resolução que, por duas razões fundamentais, constitue um erro grave, se dermos crédito aos conselhos e lições que recebi dum Mestre notável, durante o cínico curso de Architectura Civil.

No intuito de justificar as minhas palavras peço licença para apontar concretamente, com a franqueza que me caracteriza, as razões a que acima aludo.

Primeira e principal:

O terreno em questão é péssimo para o fim a que V. Ex.ª destinam, pela sua situação e implicitamente pela sua natureza.

Segunda:

Na planta por V. Ex.ª adoptada, a disposição estrangeirada (permita-se-me o termo) das suas dependências não obedece às necessidades, nem à educação, da nossa gente humilde.

Sem outro assunto, aceitem V. Ex.ª os meus votos de

Saúde e Fraternidade.

O Professor e Director da Escola de "Francisco de Holanda,"

(a) Abel Cardozo.

Haverá maior garoto...

Do que aquele advogado de cara estanhada que diz ser o primeiro bairrista (?), quando é certo que o seu amor à terra é um amor... incestuoso?...

Andorinhas. Entrevista.

— Economia e Pêras —

PELO REPÓRTER VAU.

Esguias, elegantes, céleres, as lindas avesitas já võem e pairam no nosso céu, e chilreiam alegres nos beirais das nossas casas. Há, contudo, este ano, qualquer coisa que as torna menos vivas que nas outras primaveras, qualquer contrariedade que lhes torna mais pesado o vôo, mais difíceis os movimentos. O azul parece não ter para as lindas andorinhas o doce encanto dos passados tempos e é vêr como elas evitam as longas viagens pelo espaço e se acocoram e encolhem nos fios e cruzeiros. E' que desta vez dois graves problemas as perturbam e embaraçam, a ponto de trazer em cólicas as mais sisudas e experimentadas: o inquilinato e a falta de... estação.

E' verdade; este ano a primavera só deve chegar em setembro, e, a respeito de inquilinato, as leis estão cada vez piores. O garoto, o Carvalho da Silva de esbeltas avesinhas, corre-as de todos os cantos, aniquila-lhes os ninhos e a prole, numa fúria vandálica de cafres. E' isso que as preocupa e as traz macambúzias. Habitadas às primaveras de abril, costumadas à vida livre e ao beiral sem arrendamento nem tributo, as tristes debatem-se em tremenda crise, em vésperas de cair num pessimismo etrusco, destruidor da familia, ruína da espécie. E a sorte delas entristeceu-nos, comoveu-nos tanto e tanto, que não resistimos ao desejo de minorar a desgraça das pobresinhas. Com esse intuito, pedimos vénia aos nossos botões e resolvemos abordar uma das velhas andorinhas, que ao pôr do sol se cata e espreguiça na cruz de S. Pedro. Dito e feito.

Às 8 horas da tarde, de uma tarde que ninguém sabe se é de Fevereiro se de Novembro, limpamo-nos da poeira, subimos a escadaria e — trus-trus — batemos ao ferrólho da sala estância ar livre, em que sua excelência scismava. Desculpas para aqui, salamaleques para ali e eis-nos no âmago da questão.

— Que me diz V. Ex.ª do tempo, D. Andorinha?

— Está bom, não tem de quê. Só falta o sol. V. compreende, nós sem o sol somos como o boi sem herma, e o rio sem água. O sol é tudo para nós; faz-nos tanta falta como o Angola e Metropole ao Alves dos Reis, como o Norton ao Cunha Leal. Anda orredor o sol, o que nos irrita e impossibilita de cantar.

— Mas, cortamos nós, a que atribuir essa falta? Tem V. Ex.ª conhecimento das causas...

— Eu lhe digo. A maioria das minhas colegas diz que o caso se deve a negação do astro, mas humôr ou patifaria. Eu não sou dessa opinião. Em meu entender, aquilo só pode ser devido a dois factores: ou teias de aranha no espaço, ou economia. Às primeiras, a que alguns chamam nebulosidade já devemos anêsas iguais. Seja-me, apesar disso, permitido

discordar. Bem sei que abundam teias de aranha por esse mundo, nem outra coisa era de esperar, sabendo-se que há mais aranhas do que alfaiates. Mas eu é que não vou na fita, isto é, no andor. A minha idade, a minha experiência, as minhas viagens, deram-me agudeza e senso, e, assim, não tenho medo de errar pondo o dedo no segundo factor, isto é, na economia. É uma questão de economia e mais nada. Sabe V., todos sabem, que agora tudo fala em economia. É moda. É economia na... bolsa dos outros, na boca... dos outros, no diabo... Está a ser uma sarna, isto da economia. Os senhores têm o exemplo em casa. Ainda há pouco soubemos pelos jornais que os meus amigos tinham isto bem iluminado e que daqui de S. Pedro se via a comissão de melhoramentos da Penha. Não é verdade? Pois, agora, com esses caga-lumes que está vendendo há meio de enxergar um membro dessa ou doutra comissão. É o motivo? Economia, mais economia, sempre economia. Tanta economia que até a moleira de certos fulanos se ressenete dela, a cada passo provando que está a ...*economizar-se*. Olhe que é, meu caro senhor. É economia.

— De acôrdo, D. Passarinha. Embora nos pareça haver um pouco de exagero no entusiasmo com que defende a sua opinião, é certo que no fundo é justa. E os ninhos? Como vai a orgânica na constituição da família na vossa espécie? Já decretaram o divórcio, ou vivem ainda no regime do amor livre?

— Qual divórcio, nem qual capruça... Isto entre nós é o que sempre foi. Cada qual cumpre o seu dever. Leviandades, quem as faz, paga-as, nos termos dos tradicionais costumes da nossa raça. Olhe: o que nos traz apreensões é a falta de habitação. As casas não chegam para os inquilinos. E, depois, nem todas as casas são habitáveis. Noutros tempos todos nos respeitavam; agora raros nos veem com bons olhos. Só vejo uma solução: é propôr às câmaras a construção de bairros para andarinhos. Nós pagariamos em... guano, e a renda era certa. Deste modo talvez se debelasse a crise. E ela tem de ser debelada, ou caso não seja, abandonaremos isto às moscas. Compreende-se: a paciência tem limites. Andar aqui a cantar para vos divertir, a catar-vos as moscas e os mosquitos, a dar-vos, para enfeite, cabeças, asas, rabo e tudo, e chegar ao fim sem ter o mesquinho direito a umas telhas que nos guardem, a nós e aos filhos, da nortada e da chuva, é vexatório, pela desorganização da família, pela incerteza do dia de amanhã. Diga lá isto.

Era a despedida formal. Agradecemos e pegando na badine, que tinhamos encostado a uma nuvem pregada no céu, saltamos para a rua.

José Joaquim Baptista Felgueiras

Faleceu na sua casa da Seara, nas Caldas das Taipas, este nosso presado amigo, notario, daquela povoação.

A sua morte foi muito sentida, pois o finado, pelas suas relevantes qualidades de caracter contava nas Taipas e em todo o concelho de Guimarães, numerosos amigos.

O seu funeral realizou-se na igreja das Taipas, incorporando-se nele muitissimas pessoas que foram prestar a última homenagem ao saudoso morto.

A illustre familia enlutada apresentamos as nossas condolencias.

Este numero foi visado pela Comissão de censura.

Crónica da semana Uma grande lição

Escrivão Nogueira

O homem modesto, simples, honesto e inteligente que foi o escrivão Nogueira, enterrado há dias numa campa simples, e humilde como elle, deixou em todos os que o conheceram, em todos os que com elle privaram ou que dos seus serviços profissionais algum dia precisaram, uma profunda saúdade, uma saúdade que o tempo, em vez de alterar, de diminuir, há de tornar cada vez maior.

Profundamente sabedor do seu officio nunca deixou, no exercicio da sua profissão, como nunca deixava na vida particular, de ser uma pessoa correcta e delicada.

Os homens como o escrivão Nogueira vão sendo raros, principalmente nestas terras pequeninas onde a intriga, a maldade e a inveja, caracterizam tantos e tantos individuos.

Prestando a nossa homenagem à memória honrada do exemplar cidadão, cumprimos um dever imperioso.

Companhia Ilda Stichini

Não pode nem deve o cronista deixar de anotar o acontecimento artistico que representa a vinda a Guimarães da Companhia Ilda Stichini, porque esta artista — que pode, já hoje, ser qualificada de eminente sem favor — é, no meio teatral português, *Alguem*, e se-lo-hia, fora de Portugal, em qualquer outra parte. Os autores dramáticos portugueses devem-lhe assinalados serviços e a Arte Dramática em geral também lhos deve, e muitos.

Foi Ilda a primeira artista portuguesa a representar as peças de alguns dramaturgos estrangeiros até então inteiramente desconhecidos e que haviam revolucionado o Teatro. A sua companhia está organizada com seriedade e com intelligência. Luz Veloso, Albertina de Oliveira e Rafael Marques, são dos nomes mais estimados da scena portuguesa.

Um artista há que merece em absoluto uma referencia especial, — Joaquim de Oliveira. A volta deste homem tem-se feito uma inexplicavel campanha de silencio. Enquanto os nomes de quasi-nulidades chapadas vão sendo atirados aos ventos da fama pelos grandes periodicos, ainda não vimos que a este artista admiravel fosse feita a justiça devida. Se não fosse intelligente e culto como é, natural seria que há muito Joaquim de Oliveira se tivesse retirado, descontente e desiludido. O seu nome porém há de acabar por impôr-se, pois não é crível que por muito tempo continue imperando, no campo das Artes e das Letras, o dominio da cretinice.

Comemoração da Bat. de S. Mamede

Sobre a attitude da edildade perante esta iniciativa muito haveria ainda que dizer, mas não se diz porque tal não o permitem certas circunstâncias que não enumeramos porque não podemos e porque o público muito bem sabe quais sejam...

De resto, murmura-se por aí que já cheira a cadaver... e os cadavres não podem levar pancada. Quando fedem, aperta-se o nariz, e passa-se adiante.

Contudo, no próximo numero, porque neste, por falta de espaço, isso nos é impossivel, continuaremos na nossa campanha sobre o assunto. E prometemos, e cumpriremos, deixar arrazados certos melros de bico amarelo que por aí vegetam disfarçados de Conselheiros Acácios, mentores, etc.

S. DE PAIVA.

Uma grande lição

Depois de uma grande propaganda das diferentes facções politicas, depois de uma grande certeza na victoria para umas, e indecisão para outras, realizou-se a eleição em França.

Como era de esperar obteve uma nitida victoria a corrente chefiada pelo grande Poincaré, corrente que tem orientado a França pelo caminho mais intelligente e patriótico tanto no ponto de vista politico, como económico e financeiro.

Antes de Poincaré ascender ao governo que actualmente chefia, a França estava em circumstancias bem mais dificeis, do que a Espanha antes da dictadura de *Primo de Rivera*, e do que a Italia antes de *Mussolini* se arvorar em totôr de *Victor Manuel*, e não foi preciso que o paiz da democracia e liberdade passasse pelas fazes canavalescas dos dois ultimos, para chegar ao posto em que hoje se encontra, que é incontestavelmente o do apogeu polltico governamental.

Hoje a França, depois que seguiu a sabia e patriótica politica de Poincaré vive desafogadamente, ao mesmo tempo que occupa um grande papel na politica internacional, mostrando a todas as nações, mas sobretudo a Espanha e Italia suas irmãs de raça, que não é pela força nem pelos ódios que as nações progredem, mas sim pela observancia patriótica e sincera da *democracia*. Não é combatendo por formas desleais e deshumanas uma ideia diferente da que qualquer governo perfilha que se consegue a victoria, mas sim a deshonra do mesmo governo, e por conseguinte a da nação que dirige.

A politica de Poincaré é aplaudida com grande amor patrio pelos franceses, e religiosamente admirada e observada por todos os paises que se encontram nas mesmas circumstancias as da França, antes da organização do *governo nacional*, exaltando com toda a sinceridade o gesto de um *Homem* que não honra apenas a sua Patria, mas sim a Humanidade!

Poincaré não é apenas um democrata. É mais do que isso, porque os factos assim o demonstram, um *mestre internacional* cujos ensinamentos de *civismo e democracia* devem ser seguidos sem hesitação por todas as nações que queiram progredir, quer politica quer financeiramente, e portanto revestir-se de uma autoridade que sem receio será respeitada pela comunidade internacional.

Ao lado da ordem, que é um dos elementos que devem existir para que uma nação viva desafogadamente, outro elemento superior é necessario tambem para se conseguir o engrandecimento que todas as nações anseiam, elemento esse que é o conhecimento profundo e absoluto de todos os problemas basilares e que são os que mais interessam os estados.

Ora esse conhecimento profundo e absoluto era peculiar a Poincaré, e só o possui *Homens* que como *Ele* tem passado a vida na mesma missão, sagrada e grandiosa, de estudo e interesse pelos problemas nacionais, problemas estes que só conscientemente podem ser resolvidos, depois que criteriosa e patrioticamente for solucionado o problema politico.

Só depois da estabilidade da democracia, é que *Aqueles* que para ella contribuíram, tem vontade de pôr em execução o produto de um aturado trabalho, que se traduz no engrandecimento da sua Patria sob a égide da democracia.

O que aconteceu em França, ha-de acontecer em todos os pises que dos mesmos males, e principalmente do politico, padecem, e embora nesses paises se tenham cometido graves atrocidades e des-

calabros politicos á sombra de um *ideal puro e sem macula*, o momento do remorso e do arrependimento chegará, chamando então os irmãos de Poincaré no mesmo ideal e amor patrio, que dirão o mesmo que disse o sustentaculo da França, quando lhe pediram para organizar o governo nacional: *depois de insultado, recebem-me com hosanas para salvar a minha pobre Patria!!...*

Artur do Couto.

A proposito de uma entrevista

Ha dias o «Diario do Minho» publicou uma entrevista com o Sr. Dr. Machado Guimarães, presidente da Direcção da Associação dos Bombeiros Voluntarios das Taipas. Esta povoação merece sempre um especial interesse ao nosso jornal e por isso não podemos deixar transitar em julgado as declarações que lemos, sem sobre elas darmos alguns esclarecimentos, aliás necessários. E' nos sempre grato registar ações altruistas e tudo quanto se faça em favor de uma corporação de bombeiros ha-de merecer, em todas as circumstancias o nosso aplauso. Mas é necessario que não pretenda o perú enfeitá-se com as penas do pavão.

Ora foi o que pretendeu fazer o Senhor Dr. Machado Guimarães nas suas declarações prestadas ao «Diario do Minho». Sua Ex.^a tem trabalhado com empenho pela Associação de que é presidente e não ha dúvida, mas a sua ação está muito aquém das suas pomposas afirmações.

A sua já celebre entrevista começa por uma parangona na qual se fêre a já estafada nota politica e se pretende mostrar que a altruista iniciativa do Sr. Dr. Machado Guimarães é prejudicada pelas divergencias politicas. Ora para restabelecer a verdade aqui se afirma categoricamente que na Corporação dos Bombeiros das Taipas até hoje só o Sr. Dr. Machado Guimarães e os seus correligionarios tem feito politica, desenvolvendo toda a sua actividade para afastar da Associação todos os elementos republicanos que não acatem submissamente as suas determinações, em nada lhe interessando as consequencias desastrosas que da sua attitude sectaria tem advindo. A Associação dos Bombeiros das Taipas foi sempre uma verdadeira familia, onde todos trabalhavam, sem segundo fim, para o bem comum. Foi preciso o Sr. Dr. Machado fazer-se eleger com os seus amigos para que por sua causa surgissem a discordia, a intriga, a desordem, a indisciplina. E depois ainda são os outros que fazem politica.

Sua Ex.^a diz que não havia organização na Associação e que só ele é que conseguiu pôr a escrituração em ordem, para a mostrar ao seu intrevistante. E' bom que se saiba que está ha quatro anos na presidencia da Direcção e até hoje ainda ninguem viu as suas contas, que certamente soube preparar para sentir o desejado effeito de vangloria.

Diz sua ex.^a que a Associação não tinha casa sua. E de facto foi ele, com os seus colegas da direcção cessante, que conseguiram adquirir o edificio onde presentemente está instalada, cujas obras de adaptação delineaou e mandou executar a seu bel prazer sem dar satisfação a ninguém. E se a Associação tem conseguido angariar fundos para o que está feito, pois agora nada se vê a seguir, não cabe essa honra só a S. Ex.^a e ha muita gente que merece igual louvor. Demais é bem que se saiba que a Associação, depois de reorganizada teve durante seis anos para guardar o material, para sede e para residencia do seu continuo, sem dispendir um centavo. Houve, passados esses seis

anos, um cavalheiro, hoje director e grande apaniguado de Sr. Presidente, que, lançando a primeira semente da maldita ronha politica foi guardar o material de incendios em um barracão, para onde o fez transportar com pompa, unica e simplesmente para afrontar quem tinha gratuitamente fornecido sede á Associação, e para lhe dispensar a desinteressada colaboração.

E se nos não faltasse o espaço havíamos de contar aqui o que se passou com o referido director, porque a scena é edificante e define a sua indole. Mas um dia será.

Acerca da casa esqueceu-se o illustre intrevistado em dizer, que lhe chama publicamente sua, e que nunca deu satisfação a ninguém, nem prestou contas do modo como delineaou e mandata fazer e desfazer as obras, do destino que tivera o material velho que deixou de ser utilizado no edificio, da distribuição que fizera do material novo que foi generosamente dado e não teve emprego na construção.

Tambem não lhe passou pela mente infotmar o seu intrevistante de que durante meses utilizou para garage do seu automovel a parte principal do quartel enquanto o material estava sujeito ás intemperies, mal instalado em uma divisão impropria e que só o mudou de lugar, ainda dentro do edificio, é claro, depois de ser a isso solicitado, quasi intimado, por quem zelou sempre o brio e o interesse da Corporação.

Diz ainda sua excelencia que melherou o material de Bombeiros e adquiriu novo. E' um gesto de *modestia* da sua parte, pois sabe toda a gente que as reformas e as aquisições tem sido feitas, desde a sua gerencia, a expensas do digno comandante do Corpo Activo, cuja bolsa tem dispendido centenas de escudos sem qualquer auxilio da direcção.

Tambem não foi Sua Ex.^a que fez a subscrição para as fardas dos bombeiros.

Ao II.^{mo} Sr. Dr. Machado Guimarães mereceu ainda referencia o numero de socios protectores da Associação e diz que foram por ele admitidos muitos, tendo de eliminar outros ilegalmente inscritos. E' pena que a memoria o attraioe tanto, quando devia dizer toda a verdade.

O II.^{mo} Sr. Dr. Machado Guimarães, abusivamente eliminou do livro de socios muitos cavalheiros dignos da consideração e respeito de toda a gente, que em 1927 tinham sido inscritos com aprovação da maioria dos directores dessa época. Em lugar desses socios fez escrever outros, alguns dos quais se sabe de seguro que nem ao menos tem recursos para pagar as cotas. E porquê? Porque os socios que etsavam inscritos não lhe serviam para fazer a sua politica, manter a sua egrejinha, satisfazer como lhe aprouver, os seus caprichos, fazendo e desfazendo á sua vontade dentro da Associação, e os que inscreveu são na sua maioria ineptos, inconscientes e deixam-se manobrar sem consciencia, não sabendo de que lado está a lei e a verdade.

Sua Ex.^a esqueceu estes pequenos detalhes e não disse que são eles e seus amigos os causadores da desarmonia na Associação.

Aí fica o esclarecimento para completar a vistosa entrevista.

Haverá maior garoto...

Do que *aquele abjecto e clinico João* que, *dizendo-se leal servidor da ditadura republicana de Sidónio Pais, não teve pejo de oferecer os seus serviços á monarchia dos 25 dias?*

A falta de espaço

obriga-nos a deixar muito original de remissa, do que pedimos desculpa aos seus autores.